

Ao propor um *dossier* com o título “Envelhecimento, ciclo de vida e desafios sociais” os organizadores tiveram como objetivo atrair o interesse dos investigadores desta área problemática para publicações orientadas para os novos desafios decorrentes do crescimento da longevidade e da dinâmica do envelhecimento demográfico. Efetivamente, a esperança de vida tem vindo a atingir idades próximas do limiar máximo de sobrevivência do organismo biológico. É cada vez mais frequente atingir os 100 anos e a esperança de vida, o género feminino, ronda os 84 anos em muitos países europeus, tal como em Portugal. Também ao nível macrodemográfico, a população portuguesa é das mais envelhecidas do mundo.

Neste enquadramento podemos afirmar que o envelhecimento é uma característica estrutural das nossas sociedades modernas. São muitos os desafios para os governos, as instituições, as organizações, as famílias e os indivíduos. Encontrar novas soluções para responder às dificuldades, individuais e sociais, requer a adoção de perspetivas críticas por parte de quem investiga e capacidade para inovar por parte de quem intervém, politicamente e ao nível da prestação de cuidados.

Do ponto de vista individual o envelhecimento constitui a meta final de uma trajetória de vida que condiciona o modo como se vai envelhecer. Ao longo do nosso percurso de vida vamos capitalizar ou descapitalizar em várias dimensões. Os patrimónios, os capitais escolares adquiridos, os capitais sociais, o capital familiar são recursos da maior importância na fase final da nossa vida. Também do ponto de vista das condições de saúde, é ao longo da vida que se promove a saúde. Ter boa saúde é essencial para bem envelhecer e reduzir o declínio da funcionalidade.

Do ponto de vista do envelhecimento demográfico os desafios alastram-se para diferentes dimensões da nossa vida social. A insustentabilidade do sistema de pensões como o conhecemos, a redução da população ativa e a carência de mão de obra, o crescimento e a diversidade das necessi-

dades ao nível da prestação de cuidados são alguns dos problemas para os quais se procuram soluções alternativas. A crise pandémica pôs a descoberto tremendas dificuldades no cuidado aos mais velhos, desvendando uma realidade, relativamente oculta, da forma como socialmente se idealiza a solução dos problemas da velhice: a institucionalização.

Este *dossier* tem início com um artigo de Patrícia Coelho, José de São José e João Eduardo Martins, intitulado “*Quando a saúde ficou a perder ou a crise passou ao lado*”: *Um olhar sociológico sobre os efeitos da crise e da austeridade na saúde autopercebida dos mais velhos*. Os autores recorrem a uma abordagem biográfica para analisar os efeitos da crise económica (2008) e da austeridade associada na saúde autopercebida de um grupo de pessoas mais velhas, em Portugal.

Mantendo o objeto de estudo na saúde das populações mais velhas, o artigo seguinte tem como título: *Viver com o melhor da saúde. Heterogeneidade e identidade no envelhecimento saudável*. Da autoria de Pedro Rocha, este artigo reflete uma investigação etnográfica, que parte do conceito de *Healthy Ageing* para mergulhar nas vivências quotidianas das pessoas mais velhas ao nível da saúde, doença e cuidados de saúde.

Os desafios inerentes ao envelhecimento demográfico assumem configurações relacionadas com o contexto territorial. Os autores Maria João Guardado Moreira e Vítor Pinheira focam-se nesta dimensão local, ao escrever o artigo intitulado *Os planos gerontológicos como instrumentos de apoio a políticas de envelhecimento territorializadas: O caso de Idanha-a-Nova*. Esta pesquisa analisa o Plano Gerontológico de um município português, que foi criado numa perspetiva *bottom-up*, quer ao nível populacional quer organizacional, e que é aqui apresentado como ferramenta capaz de contribuir para a inovação social dos territórios.

O quarto artigo deste *dossier* é da autoria de Ana Filipa Gonçalves Gago Pacheco e Marisa Isabel Martins Reis e intitula-se *(In)sustentabilidade dos mais novos: O preço para as gerações idosas*. Através de

uma pesquisa qualitativa realizada em Portugal, as autoras debruçam-se sobre o papel da família mais próxima na prestação de apoio às pessoas mais velhas e, por sua vez, a responsabilidade parental inerente ao apoio que pais idosos dão aos seus filhos adultos.

Na mesma temática que situa os efeitos do envelhecimento no seio das famílias portuguesas, a autora Ana Rita Brás apresenta-nos um artigo intitulado "*E tudo a viuvez levou? O impacto da morte do cônjuge no papel das mulheres nas famílias*". A partir de entrevistas em profundidade, a autora analisa os modos de viver a viuvez nas diferentes dimensões da vida de 15 mulheres, incluindo o impacto da viuvez no papel na família.

A problemática do envelhecimento demográfico cruza-se com fenómenos como a mobilidade geográfica, enquanto tendências sociais globais. Escrito por Liliana Azevedo, o artigo *Este país é para velhos? Migrações e envelhecimento em Portugal* efetua uma relação entre o envelhecimento populacional e as dinâmicas migratórias, nas suas múltiplas e complexas interseções. Num estudo de metodologia mista, a informação reunida a partir de diferentes fontes é canalizada numa análise

comparativa dos motivos e condições de fixação em Portugal de migrantes reformados.

A encerrar este número temático, Luís Mendes e Simone Tulumello apresentam um *policy brief* intitulado: *Habitação e dinâmicas sociodemográficas no Portugal contemporâneo: Contributo para uma discussão sobre "Habitação e natalidade: Enquadramento e políticas públicas"*. Neste texto, os autores colocam em perspetiva os elementos da demografia da habitação, abordando a dimensão das Políticas Públicas de habitação no contexto demográfico em Portugal.

Através de uma abordagem focada em temas com relevância para o presente e futuro da sociedade portuguesa, este *dossier* apresenta uma visão envolvente de alguns desafios que hoje se colocam à pesquisa científica sobre a temática do envelhecimento em Portugal, realçando a importância de que essa pesquisa pode revestir-se para o debate social e político e para o desenho de respostas sociais adequadas ao nosso tempo.

Ana Fernandes, António Fonseca
e Maria João Bárrios